

O PROJETO “LEIA MULHERES” COMO ESPAÇO DE FORTALECIMENTO DA LEITURA LITERÁRIA

Taiga Bertolani Scaramussa (Ufes/CNPq)¹

Maria Amélia Dalvi (Doutora-Ufes)²

Resumo: Este trabalho visa relatar a experiência de constituição e mediação do Clube de Leitura “Leia Mulheres”, que possui amplitude nacional desde 2015, primeiramente na cidade de São Paulo (SP), mas que somente formou-se na cidade de Vitória (ES) a partir de agosto de 2016. Objetivamos mostrar a potencialidade do espaço do clube de leitura para fortalecimento da leitura literária, principalmente e especificamente, a literatura escrita por mulheres.

Palavras-chave: Leia Mulheres; Clube de leitura; Leitura Literária

O Projeto Leia Mulheres

O clube de leitura “Leia Mulheres” possui atualmente, abrangência em 23 estados diferentes do Brasil e tem como intuito geral fomentar a leitura literária de obras escritas por mulheres. Surgiu em 2014, ocasião em que a escritora britânica Joanna Walsh propôs o projeto #readwomen2014 (#leiamulheres2014) que consistia em promover a leitura de mais escritoras.

No Espírito Santo, o projeto acontece na cidade de Vitória (ES) e, inicialmente, fez parte de uma das etapas propostas do projeto de pesquisa de Iniciação Científica “Leia Mulheres: literatura, feminino e feminismo”, que teve vigência entre agosto de 2016 a julho de 2017, com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Contou (e ainda conta) com o apoio do Sesc (Serviço Social do Comércio) Glória, onde as reuniões acontecem mensalmente e aos sábados. A entrada é gratuita e os homens também podem participar.

O grupo de Vitória (ES) é formado essencialmente por mulheres, apresenta pouca participação, adesão e assiduidade dos homens, a maioria das mulheres possuem entre 20 e 30 anos e são solteiras, sendo duas delas com mais idade e mães, a homogeneidade racial é da cor branca, são estudantes universitárias e em sua maioria, moradoras de bairros nobres. Os encontros mais cheios foram os bate-papos com escritoras, o que

¹ Graduanda em Letras (UFES), bolsista de iniciação científica CNPq. Mediadora do Leia Mulheres Vitória-ES. Contato: taiga.scaramussa@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: maria.dalvi@ufes.br

demonstra a importância de espaços de diálogos e trocas entre leitores e escritoras. A quantidade de pessoas nos encontros variou muito e poucas pessoas conseguiram ter assiduidade.

Os dados coletados

Ainda como parte da nossa pesquisa de Iniciação Científica, aplicamos dois questionários em 2016/2, ambos online, um destinado às mediadoras de todo o Brasil e outro, específico para as/os participantes do Leia Mulheres da cidade de Vitória-ES.

Perguntas e respostas do questionário destinado às mediadoras:

1) A mediação do Leia Mulheres é realizada por quantas pessoas, qual é a cidade e o estado? (Exemplo: 1 mediadora, Vitória/Espírito Santo). 5 responderam apenas 1 mediadora, 8 responderam 2 mediadoras, 4 responderam 3 mediadoras, 1 respondeu 4 mediadoras.

2) Qual foi a data de início e local do clube de leitura Leia Mulheres? Existe parceria com alguma livraria, cafeteria, espaço cultural?

Recife é a mais antiga, desde setembro de 2015. As demais surgiram a partir de 2016 e, em geral, os encontros ocorrem em livrarias, bibliotecas ou espaços culturais.

3) Qual a média de participantes nos encontros?

A média de participação nos clubes é de aproximadamente 10 pessoas, mas o número é bem variável.

4) Quais foram os livros escolhidos (títulos e autoras) debatidos até o mês de Outubro/2016? Liste-os, preferencialmente, por ordem de discussão.

A esmagadora maioria são livros estrangeiros. As principais ocorrências brasileiras foram: Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Lya Lufth, Ana Cristina César.

5) Como geralmente acontece a escolha dos livros?

Por meio da sugestão das próprias participantes, via enquete no grupo do Facebook ou indicações das próprias mediadoras.

Perguntas e respostas do questionário destinado às participantes do Leia Mulheres em Vitória-ES:

1) Como tomou conhecimento do projeto?

66,7% responderam que foi através do Facebook e 33,3% por amigas(os).

2) Qual era sua ideia do projeto antes de participar dos encontros?

“Foi exatamente como imaginei”.

“Mais discussões sobre partes do texto e leituras presenciais”.

“Encontro para discutirmos livros e feminismo”.

“Que seria uma espécie de coletivo feminista e de vez em quando leríamos alguns livros literários que tratassem das mulheres (não só escrito por elas)”.

“A ideia que tinha do projeto antes dos encontros era o de um clube de leitura de livros escritos por mulheres aberto apenas para mulheres participar”.

“Um clube de leitura sobre livros escritos por mulheres com discussões sobre essas obras”.

3) Na sua opinião, o fato dos encontros acontecerem no SESC Gloria incentivaram a participação? Se sim, por que?

2 pessoas responderam não e 4 responderam sim.

“Sim. Por se tratar de um local cultural fechado e estruturado. Tivemos acesso a banheiro, água, sala com ar condicionado o que nos deu proteção e conforto para nossos encontros além de equipamentos complementares como internet, projetor e caixas de som que nos permitiram assistir vídeos e um filme para debate (atividades complementares às leituras)”.

4) Qual sua opinião acerca dos livros serem pré-definidos para leitura?

“A escolha dos livros foi muito bem pensada por ter contemplado livros escritos por mulheres de diferentes contextos sociais (brasileiras, capixabas, estrangeiras) que nos permitiram conhecer diferentes realidades, culturas, pensamentos enriquecendo nossas discussões, além de ter sido escolhido diferentes gêneros literários. Contudo, senti falta de livros de poesias.”

5) Qual sua opinião acerca dos encontros bate-papos com escritoras capixabas?

“Foram muito legais. O diálogo entre as diversas compreensões dos leitores versus a intenção das autoras é muito enriquecedor. Sem contar que ouvindo-as entendemos um pouco mais sobre a profissão, seus percalços e dificuldades, valorizando ainda mais esse trabalho”.

6) Dos encontros realizados até o momento, quantos você participou?

As respostas foram diversas, teve quem foi em todos os encontros e quem foi em apenas um.

7) Quais foram suas maiores dificuldades para participar dos encontros?

Aquisição dos livros; viagens em função do trabalho, questões pessoais.

8) Em relação a mediação, qual sua opinião? Sugestões, críticas, elogios. Todas as respostas foram positiva e como sugestão apareceu a possibilidade de realizar os encontros em horário mais cedo, mas mantendo os sábados.

9) Qual sua opinião em relação ao horário dos encontros ser de 16 às 18h e aos sábados?

66, 7% responderam que preferiria que acontecesse mais cedo e 33,3% afirmam estar ótimo.

10) Na sua opinião, qual foi o livro que mais impactou na leitura (mais inspirador)?

50% responderam “Hisbisco roxo” da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie), 16,7% “A Capitoa”, da capixaba Bernadette Lyra, 16,7% “A guerra não tem rosto de mulher”, da bielorrussa Svetlana Aleksievitch e 16,7% “Olhos d’água”, da mineira Conceição Evaristo.

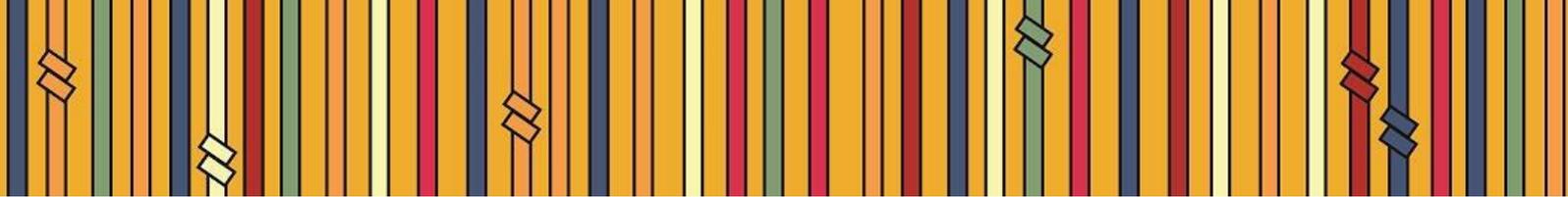
11) Quais motivos o livro acima selecionado causou mais impacto na leitura?

“A leitura de Olhos d’água foi a que mais me impactou por se tratar de histórias ficcionais que retratam realidades cotidianas daqueles que estão à margem da sociedade. A escrita de Conceição Evaristo carregada de cuidado e experiência sobre essas realidades permitiu deslumbramento e reflexões tocantes sobre a essência da vida dessas pessoas que se aplicam a todos nós de alguma forma. Certamente é um livro pra se reler de tempos em tempos, descobrindo novos olhares sobre a vida a cada releitura.”

“Essa obra me causou muito impacto por saber que tudo o que nela foi exposto de fato aconteceu. A participação das mulheres na guerra era algo do qual eu não tinha dimensão. E ler tantos relatos tocantes me impactou”.

Outras experiências através do Leia Mulheres

Em março de 2017, houve em São Paulo, o encontro comemorativo de dois anos do Projeto Leia Mulheres e, para tanto, a escritora Giovana Madalosso foi convidada para falar um pouco acerca do livro “A teta racional”, que traz ao leitor 10 contos. A mediadora de Vitória-ES esteve presente e pôde participar enquanto leitora.



Também em março de 2017, foi possível ter uma experiência de apresentação do Projeto Leia Mulheres na escola Centro Estadual de Educação Integral São Pedro (Ceemti) - Escola Viva, localizada no Centro da cidade de Vitória como parte da programação do mês da mulher.

O formato do clube de leitura

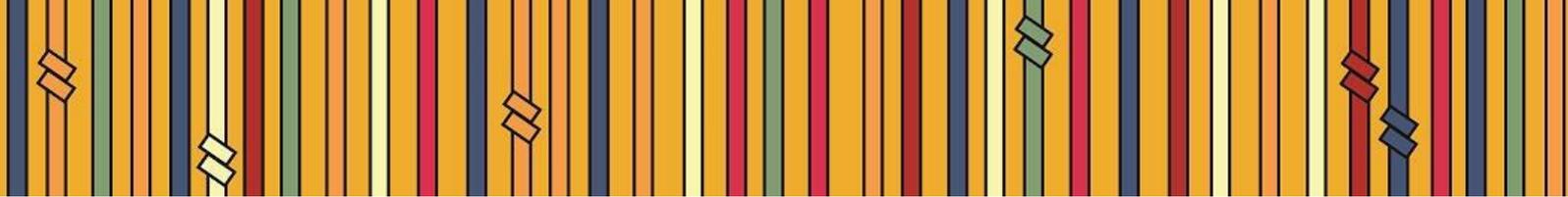
O formato do clube de leitura nos parece necessário e viável, haja vista que, a experiência de participação e leitura se distinguem das vivências tidas durante o período de escolarização formal, no qual por uma série de fatores - entre eles o tempo hábil das aulas, por exemplo - impedem quase sempre a leitura de uma obra literária na íntegra ou a apresentação de livros que diferem do cânone literário (homens, brancos, classe média) e nos livros didáticos.

Os clubes de leitura ainda são uma alternativa para uma melhor apropriação da leitura pois, em geral, são constituídos por um número limitado de participantes e vão além da leitura literária realizada em espaços formalmente constituídos, tais como as escolas e universidades. A diferença começa pela disposição física, em formato circular, de modo que não haja figura em destaque e todos consigam olhar uns aos outros. Cabe ainda mencionar que, o clube de leitura pressupõe apenas a leitura prévia do livro, sendo a participação completamente voluntária e livre de obrigações que não aquelas encontradas na escola, tais como as avaliações.

Considerações finais

A bibliografia sobre a importância dos clubes de leitura e seu papel formativo é vasta, por exemplo, Cosson (2014); Azevedo e Martins (2011); Eiterer e Abreu (2009); Gamelas et al. (2003). No entanto, todos esses teóricos mencionados atrelam o papel dos clubes de leitura em contextos de formação de leitores a partir dos tempos e espaços escolares ou formais, uma situação bastante diferente daquela que pretendemos abordar neste trabalho. Para Tzvetan Todorov (2007),

Ler poemas e romances não conduz à reflexão sobre a condição humana, sobre o indivíduo e a sociedade, o amor e o ódio, a alegria e o desespero, mas sobre as noções críticas, tradicionais ou modernas. Na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos (p. 27).

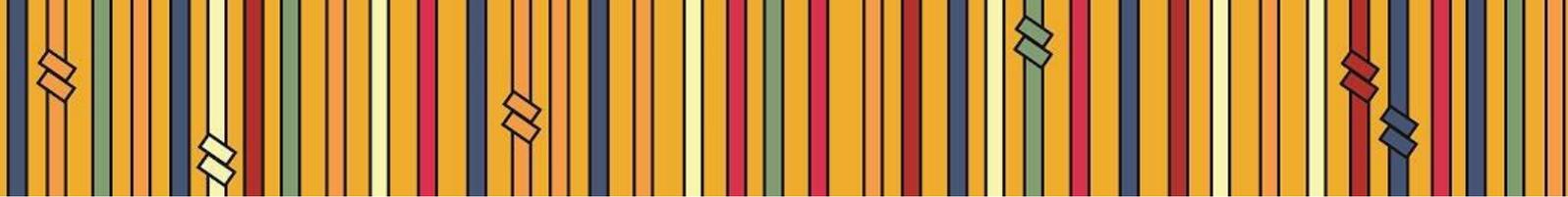


Para nós, o formato do clube de leitura nos parece uma alternativa para romper com as barreiras demasiadamente engessadas e tradicionais, por vezes, limitantes da escola e Universidade. No contexto da Academia, mais especificamente, estudantes de Letras, é inegável a necessidade de discussões teóricas atreladas em autores e críticos canônicos, como ocorre em toda e qualquer profissão: “Nós, especialistas, críticos literários, professores – não somos, na maior parte do tempo, mais do que anões sentados em ombros de gigantes (TODOROV, 2007, p. 27)”. Entretanto, essa prática pode acarretar prejuízos aos estudantes, como por exemplo, não conseguirem de algum modo ter um posicionamento crítico individual. Mais uma vez Todorov (2007) é categórico: “Por que estudar literatura se ela não é senão a ilustração dos meios necessários à sua análise?” (p. 39). Em outras palavras: por que não ler, primeiramente, a obra literária, inserindo-a em um processo social no qual ela adquire sentidos partilhados (como ocorre no clube de leitura), para, depois, estudarmos e conhecermos textos críticos que foram relevantes para as discussões desejadas? (E não vice-versa: quando as obras são lidas apenas porque “ilustram” dadas concepções teóricas e categorizações críticas.)

No caso do clube de leitura “Leia mulheres” em Vitória (ES), o que se teve em perspectiva foi um objetivo diferente: vivenciar a prática da leitura literária como parte de um processo social e político. Devido a participação ter sido majoritariamente feminina, o grupo se constituiu como um espaço de discussão e formação sobre o ser-mulher e sobre como mulheres, por meio da literatura, pensam a realidade histórica em que estão inseridas – o que, decerto, fomenta laços de solidariedade e pertencimento, e assim convocação à transformação das condições de vida. Esses aspectos apontam para uma experiência bastante diferente daquela vivenciada na realidade da escolarização formal.

Ainda que tenhamos reservas propostas por Cosson (2014) no que se considera “Letramento Literário”, concordamos quando diz:

Dentre as muitas e diversas maneiras de constituição explícita ou formal de comunidades de leitores, isto é, de grupos de leitores que se reconhecem como parte de uma comunidade específica, o círculo de leitura é uma prática privilegiada. Primeiro, porque, ao lerem juntos, os participantes do grupo tornam explícito o caráter social da interpretação dos textos e podem se apropriar do repertório e manipular seus elementos com um grau maior de



consciência, quer seja para reforçar ou para desafiar conceitos, práticas, tradições (...) Depois, porque a leitura em grupo estreita os laços sociais, reforça identidades e a solidariedade entre as pessoas (...) Por fim, porque os círculos e leitura possuem um caráter formativo, proporcionando uma aprendizagem coletiva e colaborativa ao ampliar o horizonte interpretativo da leitura individual por meio do compartilhamento das leituras e do diálogo em torno da obra selecionada (COSSON, 2014, p. 139).

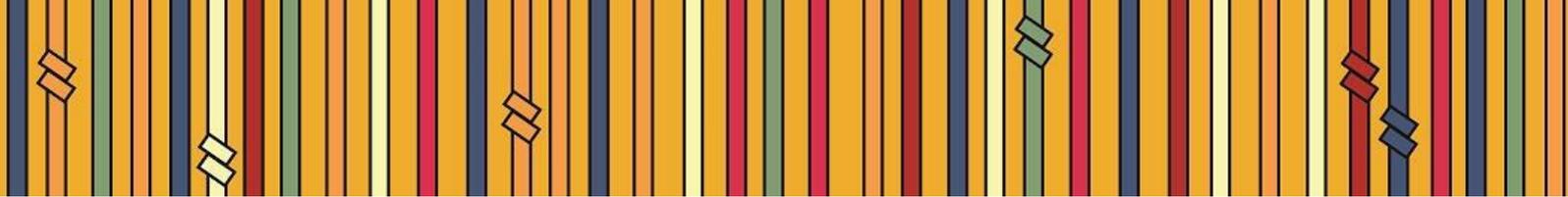
Justamente porque os membros dos clubes de leitura encontram-se uns com os outros, partilhando experiências e análises por meio da discussão mobilizada pela ficção. Sendo assim, nos parece possível concordar que:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro (TODOROV, 2007, p. 76).

Por fim, cabe dizer que a literatura é um recurso potente de/para pensar o mundo, pensar sobre o mundo, sobre a existência no mundo. Para Roger Chartier (1997),

A literatura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. (...) Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor e seus comentadores. Toda a história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e os lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem (p. 77).

Assim, a experiência de produzir e negociar sentidos a partir do texto ficcional lido por diferentes sujeitos, com diferentes formações e visões de mundo, com diferentes vivências e histórias, é parte desse processo de reinvenção dos textos e dos sujeitos. Somos de um lado pressionados pelo texto ficcional e pelos protocolos de leitura que ele



carreia; somos constrangidos pelas leituras dos outros (que muitas vezes se contrapõem às nossas); de outro, encontramos nos outros coragem e potência para ultrapassar o já dado, para desenhar novas realidades.

Que saibamos, com nossas práticas, ampliar os horizontes, fazendo dos espaços que constituímos, dos lugares em que nos inserimos, possibilidade de resistência e subversão.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Fernando; MARTINS, Jorge. Formar leitores no ensino básico: a mais-valia da implementação de um clube de leitura. In: **Da investigação às práticas**. Vol. 1, n. 1, p. 24-35. Disponível em: <
<https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/2817/1/Formar%20leitores%20no%20ensino%20b%20c3%a1sico.pdf>>. Acesso em 29 nov. 2011.

CHARTIER, Roger; LEBRUN, Jean. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Ed. UNESP, 1997. 159 p.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014. 189 p.

EITERER, Carmem L.; ABREU, Juliana V. O letramento literário e a educação de jovens e adultos: um balanço do projeto “Clube da Leitura”. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 26, p. 149-160, jan./abr. 2009.

GAMELAS, Ana Madalena et al. Contributos para o Desenvolvimento de Literacia Clube de Leitura. In: VIANA, L. F.; MARTINS, M.; COQUET, E. **Leitura, Literatura Infantil e Ilustração. Investigação e Prática Docente 4**. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 2003.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. 96 p.

